PREVENÇÃO | **DEZEMBRO LARANJA**

Cuidados simples para evitar o câncer de pele

MÉDICOS ESTIMAM O surgimento de 188 mil novos casos da doença só neste ano no país

Depois do Outubro Rosa e do Novembro Azul, o Dezembro Laranja chega para alertar sobre o tipo mais comum de câncer no Brasil, o câncer de pele. A iniciativa faz parte do Programa Nacional de Combate ao Câncer da Pele da Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD), que afirma que a maioria dos casos pode ser evitada com medidas simples de proteção solar: usar filtro, chapéu, boné e cuidar com o excesso de exposição ao sol e aos horários certos para isso.

No entanto, dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA) mostram que os brasileiros não se protegem adequadamente, contribuindo para a grande incidência da doença. São estimados 188.020 novos casos no país somente em 2014. Desses, 98.420 devem ocorrer em homens e 83.710 em mulheres. De todos os casos, 5.890 correspondem ao tipo mais agressivo do câncer, o melanoma.

– A radiação solar é cumulativa ao longo da vida e os primeiros 20 anos são responsáveis por 80% da radiação que o indivíduo recebe na vida. Percebe-se, então, a responsabilidade dos pais na prevenção do câncer de pele de seus filhos – alerta o dermatologista Nilson Octávio Silva.

A SBD disponibiliza em seu site (*www.sbd.org.br*) a Calculadora de Riscos para Câncer da Pele. Por meio da ferramenta, os usuários, respondendo a um questionário, recebem informações sobre as chances de desenvolver a doença.

PARA CUIDAR DA PELE

Pequenos hábitos ajudam a prevenir problemas

- Usar protetor solar todos os dias, em todas as áreas expostas do corpo;
- Evitar exposição ao sol no horário de pico (das 10h às 16h);
- Usar boné e chapéu de aba larga para proteger o rosto;
- Observar o aparecimento de feridas que não cicatrizam, manchas escuras ou nódulos na pele, ou alterações em pintas (aumento, modificação da cor, coceira ou sangramento);
- Não usar o filtro ao longo da vida pode trazer outras consequências para a pele, como pintas e sardas.

SAÚDE | **RECÉM-NASCIDOS**

Exame da linguinha começa nesta semana

HOSPITAIS PÚBLICOS E privados devem aplicar o teste que evita a chamada língua presa em bebês

A partir desta semana, hospitais e maternidades das redes pública e particular passam a ser obrigados a fazer o chamado teste da linguinha em recém-nascidos. A determinação foi criada pela Lei 13.002/2014. O objetivo do exame é detectar se existe alguma alteração no chamado frênulo, membrana que liga a língua à parte inferior da boca – também conhecido como freio. A alteração pode gerar a popular língua presa.

A fonoaudióloga e integrante da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia Roberta Martinelli criou a metodologia para fazer a avaliação de bebês e diagnosticar o problema.

– No primeiro momento, o teste veio para detectar a língua presa, que é quando esse fio está fixado mais para a ponta da língua. Só se considera língua presa quando limita o movimento – afirma.

Os problemas vão além da dificuldade na fala. No caso dos recém-nascidos, a alimentação pode ser prejudicada já que afeta a sucção.

– Tem sido uma das maiores causas de desmame precoce. O bebê pode ter dificuldade de passar para a papinha porque tem dificuldade de deglutição. Por volta de um ano e meio, pode ter problemas no processo mastigatório também – afirma.

A fonoaudióloga lembra que o exame observa os aspectos físicos da língua, mas que outras características também precisam ser avaliadas como, por exemplo, a maneira como a criança mama e até mesmo o choro.

– A gente observa características do choro porque o bebê que tem essa língua presa sobe mais as laterais do que a ponta da língua. Ela (a ponta) fica mais baixa que as laterais – afirma.

> No primeiro momento, o teste veio para detectar a língua presa, que é quando esse fio está fixado mais para a ponta da língua. Só se considera língua presa quando limita o movimento. Por volta de um ano e meio, o bebê pode ter problemas no processo mastigatório também.
>
> **ROBERTA MARTINELLI**
> Médica da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia

Apesar de a lei ser considerada um avanço em alguns aspectos, a pediatra Patrícia Salmona, que integra o Departamento de Genética Clínica da Sociedade Brasileira de Pediatria, acredita que é preciso considerar alguns pontos com relação ao tratamento. Ela conta que existem graus diferentes de língua presa e, por isso, o tratamento varia.

– Nem todas têm a indicação do tratamento do pique na língua. As que não têm indicação cirúrgica poderiam ser mandadas sem necessidade para a cirurgia – diz.

Segundo o Ministério da Saúde, as diretrizes que detalharão o diagnóstico estão sendo elaboradas pela Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias. Mesmo sem a regulamentação, a aplicação da lei está valendo e a norma vai reforçar o que já é feito. A avaliação e a cirurgia são oferecidas gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS),